Marielle, presente!

antologia

Vida Secreta
PUBLICAÇÕES

ANTONIO ESCOREL

Marielle, presente!

antologia

Vida Secreta
PUBLICAÇÕES

© **Vários autores**, 2018

Edição, capa e projeto gráfico
João Gomes

Conselho editorial
Lubi Prates e
Taciana Oliveira

Editoração eletrônica
Vida Secreta Publicações

Imagem de capa
Divulgação

Ilustração da sessão “Poemas”
Poema de **Ana de Cesaro**
e arte de © **Betina C. Koche**
Reprodução/Facebook

Ilustração da página 43
© **Atêlie Will Barcellos**
Reprodução/Facebook

Sobre o poema de **Conceição Evaristo**
Reproduzimos sob licença poética

Os textos podem ser reproduzidos, desde que mencionada sua autoria. Esta publicação não tem fins partidários e comerciais, este é apenas um número especial dentro da proposta de veicular literatura e ideias.

Contatos e mais edições
issuu.com/vidasecreta
vidasecreta.weebly.com
vidasecretacontato@gmail.com

“Toda vez que um justo grita,
um carrasco vem calar.
Quem não presta fica vivo,
quem é bom, mandam matar.”

Cecília Meireles

“O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro.
Porque eu quero ser o outro.”

Clarice Lispector

“Quantas mais pessoas vão ter de morrer para esta guerra acabar?”, questionou **Marielle Franco** na sua conta de Twitter, poucas horas antes de ela própria morrer assassinada. Tinha 38 anos.

MARIELLE FRANCISCO DA SILVA
1979-2018

*E*ditoria*l*

Parem de nos matar!

/ João Gomes

É com imensa tristeza que reunimos os autores desta antologia, vozes tão inquietas quanto a própria Marielle. A coletânea nasce porque sabemos que diante da perda de Marielle muitas vozes ecoam sobre a luta diária, e o poema é o pão da ordem do dia. Porque em meio a tantas mortes cotidianas, dessa vez foi executada não menos quem lutava pelo cumprimento dos direitos básicos. Não é a defesa de uma amiga socialista da esquerda, mas sim a luta por justiça a alguém que representava as minorias. Num Brasil tão desigual, quantos têm se levantado para se importar com a vida do outro? Marielle se importava, e não apenas com a vida de pessoas negras, mas pelas causas feministas, aplicação dos direitos humanos e pelo respeito às causas LGBTs. Marielle era o referencial da favela, de que se temos uma voz ela deve ser gritada, quer seja na Câmara ou nas ruas. O que importa é lutar em resposta aos que se proclamam "civilizados", os que não dão nada pela liberdade de existir, de ser dono do seu próprio nariz. Seu assassinato é o triste reflexo da situação caótica que estamos atravessando, mas nossa resposta é não calarmos essa voz e não permitir que a luta se encerre por aqui. Nossa militância pelas nossas vidas segue, e o pedido mais do que necessário e urgente é o PAREM DE NOS MATAR! Que venham outras antologias, e que sua imagem e suas atitudes revolucionárias nunca sejam esquecidas.

Poemas

BETINA C. KÖCHE ILUSTRAS

*B*alada de Marielle

/ Renato de Mattos Motta

Morreu a menina
morreu a preta
morreu a profe
morreu a mãe

mas dizer morreu
é mentir
Marielle foi ASSASSINADA

a guerreira caiu na luta
a guerreira que nasceu
quando já tinha 19 anos
quando teve Luyara
nasceu a guerreira de bebê no colo
que entendeu que era preciso lutar

quando houve uma luta
entre a PM e o Tráfico
bandido contra bandido
a luta levou sua amiga
achada por uma bala perdida

a filha da maré
de filha no colo
nasceu ali
aos 19 anos
para a luta da favela

a luta pelos direitos dos pobres
a luta pelos direitos das pretas
pelos direitos de quem nunca teve
direito a ter direito

a guerreira caiu na luta
emboscada quando voltava
da Casa das Pretas
voltava de mais uma batalha
onde juntava mulheres como ela
onde juntava pretas como ela
pra lutar contra
o racismo o descaso a opressão
a violência

Marielle carioca favelada
de uma cidade sitiada
de uma cidade ocupada
pelo exército nacional
Marielle gritava
porque era cidadã
mas quem disse que podia?
preta pode ser cidadã?
pobre pensa que pode querer,
que pode pensar?
preta pobre favelada
vereadora mais votada?!
nada!

ela saiu de carro
outro carro foi atrás
um outro que já estava

antes de ela chegar
o tempo todo do encontro
o carro com gente dentro
saiu o carro da vereadora
o outro logo atrás
piscou a luz
alguém falou no celular

Marielle tinha faculdade
Ciências Sociais
Marielle tinha mestrado
Administração pública
Marielle foi militante
Marielle tinha partido
Marielle sempre tomou partido
pelos direitos humanos
pela cidadania
Marielle superou a sina da favela
mas não saiu da favela
Marielle trabalhou para a gente da favela
pra mudar a maré da Favela da Maré

a ação dos assassinos foi rápida e precisa
um carro impediu a fuga
o outro emparelhou e de dentro dele
alguém disparou
um pente de balas 9mm
balas 9mm da Companhia CBS
vendidas para a Polícia Federal
três balas
mataram seu motorista

quatro balas
penetraram na cabeça de Marielle
quatro projéteis violaram seu corpo

qual deles a matou?
quatro tiros calaram
uma voz de menina
que denunciava a violência
que denunciava a polícia
quatro balas foram sua mordaça

Luyara tem 19 anos
os mesmos 19 anos que tinha
a Marielle que teve Luyara
os mesmos 19 anos
com que nasceu a Marielle guerreira

a terra — pensaram — vai calá-la
a terra — disseram — vai escondê-la
mas Marielle vivia de ideias
e ideias são sementes
por isso
mal a terra cobriu Marielle
ela brotou
e corpos se ergueram
como troncos
cujas copas fossem braços
cujos frutos punhos cerrados
e foram tantos troncos
de tantas árvores
que Marielle virou mata
e se espalhou numa maré

que cresceu na favela
se espalhou pelo Rio
e tomou o Brasil
uma mata de pessoas
de gente que virou Marielle
com punhos erguidos
e um só grito na voz
“quantos mais vão precisar morrer
pra que essa guerra acabe?”

A despeito de

/ Adriane Garcia

Mesmo não havendo esperanças
Agiremos como se houvesse
Jamais a adesão total
Ao mal, ao funesto, ao terror

Liberdade continuará pronunciada
Sobre ou sob as mordaças
Daremos trabalho, sempre
Como hidras de duas cabeças

Decepem-nos duas, nasceremos quatro
Temos o treino, a expertise, a inteligência
Dos secularmente derrotados.

Presente

/ Maya Falks

E ela achou que poderia bater de frente
Que peitaria o poder vigente
Ela, logo ela, preta pobre e sapatão
Logo ela, que nem é vista como gente
Logo ela, que não pode ter opinião
Ela, que veio do morro com sonhos na mão
Coragem, esse é nome
Que move quem tem pressa
Que move quem tem fome
“Papo reto”, fala a preta
Que não tem medo de gritar
Sobe o morro e a tribuna
E não queria se calar
Lá se foi nossa guerreira, preta pobre favelada
Lá se foi nossa guerreira, sendo alvo de emboscada
Ela, que foi lá bater de frente, botar banca, gritar que é gente
Fica o epitáfio de alguém que entrou pra história
Fez do seu legado a sua glória
Marielle, presente.

“Hoje completo 30 anos”

/ Janaína Abílio

hoje completo 30 anos
mas apesar de ter saído em todos os jornais
talvez você não saiba que
ontem eu morri mais uma vez
talvez você não saiba
apesar de sair todos os dias nos jornais
nas palavras do secretário
nas tabelas do último relatório
nos gritos que vibram entre os escombros das obras intermináveis do hospital
talvez você não queira saber
mas eu morro todos os dias
é certo que hoje mesmo
morrerei novamente

a tv lamenta que jovens geniais não passem dos míticos 27 anos
e que alguns jovens suspeitos insistam em sobreviver para além dos 18 ou 16 ou menos
é certo que ideais, substantivo feminino plural
resistem às linhas negras nos obituários
e talvez você não saiba
apesar de todos os dias riscarem os jornais
que forram os escombros das obras intermináveis no hospital
sonhos, substantivo imperativo plural
ainda têm pulso

Um país que se chama Marielle

/ Taciana Oliveira

Difícil render-se ao esquecimento
da grande máquina
e não defender
a geografia na carne.
Minha gente
sangra desde sempre,
ardermos na fornalha
que alimenta paraísos fiscais.

Inútil disfarçar o banzo,
a pele é vestido.
Mas se eu pudesse
voltaria o tempo
Sim, eu sei é impossível,
os relógios não são amigos.

Hoje as meninas choram
e se abraçam inconsoláveis
na Avenida.
Na violência da ausência
homens são meninos.
Uma mulher não é apenas uma fotografia,
agora ela é um país.

Marifonia

/ Viviane de Freitas

tentaram calar a voz

soltaram bombas
espancaram bocas
dispararam tiros
humilharam moças
convocaram o exército
trouxeram os bandidos

nada adiantou
a voz não é calável
quanto mais apanhava
mais reverberava
a voz ecoava
sobre o país em desgraça

porque a voz é coletiva
voz de um, de todos, de mil
voz do pobre, do negro, do brasil
voz da mulher, da criança, do oprimido
voz da igualdade e da disputa
voz que se levanta e vai à luta

por mais que se tente
abafar estrondoso clamor
a voz vai às ruas e grita sem temor
a voz não recua diante de ameaças

a voz resiste e invade as praças
a voz não morre com um

e há de permanecer
enquanto não se fizer ouvida
vai gritar na sua consciência
vai enfiar o dedo nas feridas
vai roubar seu conforto abusivo
vai perturbar o sono de seus filhos

a voz nunca irá cessar
nem silenciar nem calar
a voz só vai parar
quando se transformar
em canto de justiça
em grito de paz

a voz está presente.

Mar luminoso

/ Juba Maria

se morre uma de nós
todas morremos
a voz que ela entoou
entoemos

sempre que uma mulher
se despede lutando
em vez de nascer uma estrela
é o sol que explode
chorando

mas se morre uma de nós
todas morremos
a voz que ela entoou
entoemos

*P*ara Marielle

/ Germana Zanettini

como aceitar
que vá pra debaixo da terra
quem tinha nome de mar?

como suportar
o criminoso calar
de quem era a voz daqueles
que ninguém escuta?

como desejar
que descanse em paz
quem sempre foi de luta?

*E*la costumava enfeitar o cabelo

/ Ada Lima

Então
imagino-a de turbante
com uma flor de pano em três ou quatro cores
adornada pelo halo crespo.

Imagino-a entre as irmãs
— dezenas delas —
dizendo-lhes:
não devemos dar a eles a dádiva do silêncio
lutemos juntas
cada uma a seu modo:
podemos gritar
cantar
podemos até mesmo dançar
fluidas e fortes tal qual água sobre rocha
teimosas como flor que cresce no asfalto
e não morre.

Imagino-a de punho em riste
mas sorridente
festejada

pois não quero pensar nos rojões vermelhos
nem no corpo que já não resiste à gravidade
tampouco em como é fácil romper a tênue linha entre
[a existência e o nada.

Prefiro imaginar o estampido de palmas
talvez o movimento de uma saia rodada
e de pés escapando das sandálias

qualquer momento em que tenha havido felicidade
um segundo qualquer
em que tenha havido esperança.

Ressaca

/ Nic Cardeal

A minha ressaca
não é de vinho, whisky ou cerveja,
a minha ressaca é tão tênue e,
ao mesmo tempo,
tão funda,
fazendo sulcos difíceis de fechar
— sinto um gosto ruim na boca —
de tanto desgosto...

Dilaceradas estão nossas certezas,
não sobrou nenhuma esperança sobre a mesa,
seremos capazes de sobreviver,
sem nenhum arranhão,
a um país derrubado ao chão?

Tenho um rombo fundo no peito
como quem engoliu absurdas tristezas...
Quero crer — ainda quero —
que não sejamos seres assim tão indigestos
incapazes de reconhecer nossos próprios gestos
insensíveis à dor do outro,
alheios ao outro,
impossíveis ao outro...

A minha ressaca é de alma
— sinto um gosto ruim na alma —
seremos, de fato, almas?

Quero crer — ainda quero —
que não sejamos apenas restos
depositados a esmo
nesse grão de poeira chamado mundo
— fim de mundo? —
de uma humanidade que fracassou...

“Manas”

/ Lou Vilela

Manas
o cenário é árido
os medos, escaldantes?
— sororidade
em tese
todas as sedes estão representadas
:
necessário desfazer os nós
das renúncias, da exclusão
da ignorância compulsória
da violência, da posse
do preconceito...
costurar o autoamor
numa clave de sol

“E se de repente”

/ Diogo da Costa Rufatto

e se de repente
todas as memórias das moléculas
que fomos voltassem à tona
desde a mais íntima e abjeta
partícula da bosta
que não serve nem para esterco
ou da mais longínqua e duríssima
preciosidade do carbono
que enfeita e corta vidro
o que faríamos então?
se me fosse dado livre arbítrio
eu poderia escolher
ser uma molécula de alguma sobremesa
que adoçasse a tua boca
mas eu prefiro mesmo
ser uma molécula de sal
que cai numa ferida aberta
uma afta

Não, não mataram Marielle!

/ Hamilton Brião

Dois covardes
atiraram em Marielle
Pensavam que cinco
disparos a matariam
Pobres criaturas!
Pobríssimas criaturas!
Não sabem que
Uma ideia é imortal
Resiste a mais letal
das munições
Mas então Marielle
não morreu?
Não!
Claro que não!
Irônico, né?
Multiplicaram as Marielles
Hoje elas são várias
várias e vários!
Marielle nunca esteve
tão viva
Sua alma e seus ideais
vivem em cada lutador
desse país
Quatro balas perfuraram seu
frágil e humano corpo
Mas jamais calarão
a sua, a nossa luta!

Somos todos Marielle!
e durmam com essa
covardes!

Legítima defesa

/ Mariana Machado Rocha

Cabelo crespo,
buceta e melanina
Sou seu pior pesadelo
na forma feminina

Sou Marielle
e também Elis Regina
E na minha retaguarda
tem mais 3 milhão de mina

Feministas negras
ou Pan Africanistas
Noiz eh tudo treteira
Ah! Você nem imagina!

Tamo na fúria,
nossa fé não se abala,
e é na força de Dandara
que noiz vamo avançar

Contra o Estado,
o exército e a polícia
Não tô vendo outra saída
A não ser também me armar

É uma questão
de legítima defesa

Chega! Chega!
Chega! CHEGA!!!!
Cêis não vão mais nos matar

Agora é guerra
— Iansã, vem nos valer!
Nos dá força e poder!
Nós vamos Fazer Justiça!

Justiça Preta
não é cega, nem omissa
Não é feita com polícia
É feita com benzedeira
É feita com capoeira
Vai ser feita com peixeira!
E até com escopeta!
Cê num disse que meu Deus era capeta?
Hahahha
Cê num viu nada
A coisa vai ficar preta!

Já fiz até a minha lista branca
e nela só tem bam bam bam
que fechou com o Tio Sam
Age como ku klux klan
Mas finge que é a pá e pã...

Meu treino de guerrra
foi feito no dia-a-dia
andando pelas vielas
ou indo na padaria

Agora é guerra
— Iansã, vem nos valer!
Nos dá força e poder!
Nós vamos Fazer Justiça!

Justiça Preta
não é cega, nem omissa
Não é feita com polícia
É feita com benzedeira
É feita com capoeira
Vai ser feita com peixeira!
E até com escopeta!
Cê num disse que meu Deus era capeta?
Hahahha
Cê num viu nada
A coisa vai ficar preta!

Já fiz até a minha lista branca
e nela só tem bam bam bam
que fechou com o Tio Sam
Age como ku klux klan
Mas finge que é a pá e pã...

Meu treino de guerrra
foi feito no dia-a-dia
andando pelas vielas
ou indo na padaria

Sempre fui suspeita
Sempre fui objeto
Nunca estive segura

Nem meus filhos,
Nem meus netos

É legitima defesa!
Chega mais negrada,
CHEGA!

“Quatro tiros não matam uma luta”

/ Fabíola Mazzini

quatro tiros não matam uma luta
nem holofotes de ódio na nuca matam
o passo da mulher
que sobe as escadas até o povo
a mulher que rompe o medo
pisa o asfalto contra o fim do mundo
entra no meu corpo contra o fim do mundo
me ergue contra o fim do mundo
meu sangue é o dela
essa história não acabou

*M*arielle da Maré

/ Raimundo Justino

Água mole em pedra dura
Tanto...
Tantas vezes aconteceu
O murro na ponta da faca
Mais uma das nossas morreu...

Você já foi à Maré, nega?
Então vá, tem que ir!
Testemunha do subúrbio que pulsa
Palafitas palacetes da penúria
Proliferaram sonhos... e pesadelos

Pow!

Quatro tiros na cabeça
Que fique clara, senhores de bem, nossa missão
Pois bocas fechadas saem ilesas
Seja só. Só mais um. Sem multidão

Naquela noite, no entanto, renasceram
Chico, Dorothy, Herzog e Vigário
Carandiru, Amarildo e Conselheiro
Zuzu Angel, Cláudia e Candelária

Marielle da Maré, do Brasil todo
Saiba que nenhuma luta sua foi em vão
Água forte que chacoalha inteiro o corpo
Marielle da Maré, do nosso chão

Presente!

/ Vanessa Neves

no chão frio da favela
o sangue rarefeito escorre
como um grito preso:
Marielle,
mulher negra,
assassinada a sangue frio!

mais uma voz silenciada
por aqueles que costumam
chamar de heróis.

e você fecha os olhos
enquanto os verdadeiros heróis
são silenciados um a um.

Carta-denúncia

/ Helena Zelic

não é você que anda mais dura, meu amor
duro está o mundo.
você me ama mais
me beija menos
a culpa é do mundo
e a culpa do mundo é dos ricos.
dizem que fica feio fazer do poema
um panfleto

mas é preciso dar nome aos bois
walter souza braga
marcelo crivella
para falar de agora

este poema está fincado em um tempo
acontece hoje 15 de março
de 2018
não estamos alegres mas tivemos maiakóvski
parece que nosso dever é perdurar.

parecia que o afeto poderia
nos salvar
lá fora a barbárie aqui dedos mansos
vê essas luzes que invadem o teto?
pela fresta da janela
madrugada, e dão medo
hoje esse feixe é a morte que paira.

eu sei que você tem hora mas
me faz companhia essa noite.

porque não é sua voz, meu amor
que perdeu o acalanto
são as vozes que andamos perdendo.
não é você que anda mais muda, meu amor
são os minutos de silêncio
que antecedem o revide.
você consegue ouvir?
está vindo.

*M*arielle presente

/ Chris Herrmann

não se mata o sonho
de quem lutou
pela igualdade
de tantos outros

não se cala a voz
em sororidade
intermitente
com as nossas

não se silencia o coro
que nos foi deixado
de presente

(para sempre)

O dia seguinte à execução de Marielle Franco

/ Micheliny Verunschk

uma mulher descerá o morro
como se descesse de uma estrela

uma mulher seus olhos iluminados
suas mãos pulsando vida e luta
sob seus pés a velha serpente
[a baba as armas a covardia de sempre].

uma mulher descerá o morro
as inúmeras escadarias do morro
os muros arames que separam o morro

e pisará o chão desse país sem nome
desse país que ainda não existe
desse país que interminavelmente não há

uma mulher descerá o morro
tempestade é o vestido que ela veste
uma mulher descerá o morro
e ainda que seu sangue caia
ferida incessante no asfalto do Estácio
e ainda que anunciem sua morte
[e sim, ainda que a comemorem]
esta mulher ninguém poderá parar

“Não, nós nos negamos a acreditar”

/ Conceição Evaristo

Não, nós nos negamos a acreditar
que um corpo tombe vazio
e se desfaça no espaço
feito poeira ou fumaça
adentrando-se no nada dos nadas
nadificando-se.
Por isso, na solidão desse banzo antigo
rememorador de todas e de todos,
os que de nós já se foram,
é no espaço de nossa dor
que desenhamos a sua luz-mulher
— Marielle Franco —
e as pontas de sua estrela
enfeitarão os dias
que ainda nos aguardam
e cruzarão com as pontas
das pontas de outras estrelas,
habitantes que nos guiam,
iluminando-nos e nos fortalecendo
na constelação de nossas saudades.

ATELIÊ WILL BARCELLOS

Marielle Presente

Notas
Os autores

Ninguém está transformando a morte da vereadora em uma questão política. Ela é uma questão política. Viver é um ato político. Quem se afasta dessa ideia cercando-se de um discurso idílico de que é possível viver fora da política, do conflito etc., ou é um cínico (e nem estamos falando aqui do pessoal do Antístenes) ou é um ingênuo. Em ambos os casos, endossam o processo de violência e o favorecem. O discurso de "não devemos nos deixar afetar" é tão pior do que os violentos fascistas, é o olhar para o lado diante do absurdo. Como não se afetar quando alguém é assassinado de forma violenta? Estamos todos afetados, e Marielle ainda tem a "honra" de ser "contabilizada" com nome e história no seu memorial; quantas Marielles são simplesmente transmutadas em curvas em gráficos? Isso quando não completamente obliteradas sem qualquer solidariedade. Silencie, fale, vá pra rua, fique em casa, seja qual for sua ação, nossa ação, ela é política.

/ Claudio Brites

.....

O ato em memória de Marielle Franco ontem em São Paulo foi a mais diferente manifestação de que participei. sim, faltou um equipamento de som que fosse potente o suficiente para reverberar nas pessoas as palavras de ordem num raio maior que cem metros, mas não faltaram as palavras de ordem. sim, elas morriam, as palavras, mas ressuscitavam. as palmas ritmadas em determinado momento me fizeram sentir que acompanhavam o bater dos corações. havia pessoas chorando, e se abraçando. e muitas vezes em silêncio, seguíamos. eu não vi, mas minha amiga viu e fotografou, na Consolação, muito depois que a multidão passou em direção à Praça Roosevelt, uma moça franzia, de vestido listrado, sozinha no meio da avenida, segurando os carros da PM. ela na frente, eles atrás. o ato era um cortejo fúnebre, a manifestação de uma dor coletiva dos que estão sendo massacrados nesse país ferido

de morte. dói ver a direita tripudiando sobre mais esse assassinato? dói. revolta ver os mentores do golpe se colocando como solidários nesse momento? é claro que sim. mas eu quero muito, eu desejo tanto, que essa dor se transforme numa outra coisa, que ela não nos anestesie, que hoje não fique a sensação de que fizemos o que podíamos, que fomos ontem às ruas e isso é tudo. não é. lideranças estão sendo assassinadas, logo vai desaparecer seu amigo, vai sumir seu irmão. é assim o andar da carruagem. e vai ter sempre quem diga, que foi merecido, que procurou. eu acredito sempre na desobediência civil. eu acredito sempre que não devemos andar de cabeça baixa. eu quero mulheres negras, periféricas e de esquerda ocupando o vazio que a execução de Marielle deixou. eu quero que os índios batam a borduna no coração desse país. e posso parecer utópica, mas se eu não for, melhor seria jogar foratudo o que escrevi, mas eu desejo que este se torne outro país.

/ Micheliny Verunschk

.....

*M*arielle: duas notas

/ Tarso de Melo

Temos — tenho — falado muito de poesia aqui e por aí. Ontem, no debate sobre poesia e política, falei que me incomodava muito esse momento de "sinal trocado": uma animação tremenda na poesia, na poesia mais francamente política e em todas as outras, e um desânimo terrível com a política mesmo, sem qualquer esperança que venha do campo político, principalmente institucional e partidário. Lá pelas tantas, Alice Ruiz usou uma expressão que me ajudou a pensar um pouco melhor tudo isso: a poesia como legítima defesa. Um florescimento da poesia como reação à barbárie. Mas não temos mais direito à metáfora:

a morte, agora, é morte mesmo. Corpo no chão. Sem rima, sem dó. A legítima defesa também tem que ser outra. Vamos precisar, sempre precisamos, ir além da militância da poesia, dos livros, das ideias e dos sonhos. A barbárie vai fechando o cerco.

2.

Uma morte brutal e brutalmente significativa neste momento. Marielle Franco simbolizava um desses respiros democráticos construídos com imensa dificuldade e atacados diariamente. Mulher, negra, jovem, mãe, nascida na Maré, Marielle venceu o caminho difícil (ainda mais difícil para mulheres e negras e jovens e mães e pobres) de estudar, trabalhar, militar, ser eleita vereadora com 46.502 votos por um partido de esquerda, pequeno, que geralmente está na contramão de tudo que é podre na política deste país. Lamentavelmente, sua execução é uma vitória do que é podre. Um ataque a tudo que ela representava e fazia: mulher, negra, pobre, de esquerda, em defesa dos direitos humanos. Sua morte é mais que um recado. É um outro golpe. É um apagamento. Espécie de retomada de território por aqueles que não admitem que Marielles possam existir politicamente. Aqueles que não admitem que Marielles possam existir fora dos papéis que eles mesmos definam. Aqueles que não admitem que Marielles possam existir. Ponto.

Marielle Franco é mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré. Socióloga com mestrado em Administração Pública. Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro pelo PSOL, com 46.502 votos. Foi também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. Marielle se formou pela PUC-Rio, e fez mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua dissertação teve como tema: "UPP: a redução da favela a três letras".

Trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo.

No dia 14/03/2018 foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. 13 Tiros atingiram o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes. Quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte.

Iniciou sua militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré. Aos 19 anos, se tornou mãe de uma menina. Isso a ajudou a se constituir como lutadora pelos direitos das mulheres e debater esse tema nas favelas. Mari dizia que ocupar a política é fundamental para reduzir as desigualdades que nos cercam. Vamos defender e espalhar a sua memória para que mais Marielles possam surgir e mudar a realidade em que vivemos.

REPRODUÇÃO DA PÁGINA:
https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora

MARIO VASCONCELLOS

Sobre os autores

Renatto de Mattos Motta é poeta, artista plástico e publicitário. Coordena o grupo Gente de Palavra que reúne poetas de todo o mundo através do Facebook.

Adriane Garcia é poeta, escritora, teatroeducadora e atriz brasileira. Graduou-se em História pela UFMG e se especializou em Arte-Educação na UEMG.

Maya Falks é autora de contos, crônicas e poesias.

Janaina Abílio é escritora. Autora residente do Bando Editorial Favelofágico e estuda Letras na Unirio.

Taciana Oliveira é poeta com livro no prelo, dirigiu o filme *A Descoberta do Mundo*, um documentário sobre a vida e obra de Clarice Lispector.

Viviane de Freitas é jornalista, redatora e escritora. É mestra em Divulgação Cultural pela Unicamp e especializada em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP.

Juba Maria é mãe, jornalista, poeta, funcionária pública, professora de redação e ativista cultural.

Germana Zanettini é poeta, tradutora e editora.

Ada Lima é professora formada em Jornalismo e em Letras.

Nic Cardeal é escritora, estudou Direito na Unisul.

Lou Vilela é escritora, especialista em Logística Estratégica e funcionária pública.

Diogo da Costa Rufatto é escritor, revisor, tradutor e intérprete de língua inglesa e francesa.

Hamilton Brião é escritor, produtor do Sarau Selvagem e estudante de Letras.

Mariana Machado Rocha é poeta, performer, compositora, capoeirista e praticante de dança afro.

Fabíola Mazzini é poeta, com um livro no prelo.

Raimundo Justino é educador da rede municipal de São Paulo e integra o projeto Tenda Literária.

Vanessa Neves é poeta, engenheira civil, criadora dos projetos 946-poesia e três tons de amor.

Helena Zelic é poeta, comunicadora, militante feminista da Marcha Mundial das Mulheres.

Chris Herrmann é escritora, poeta e musicoterapeuta.

Micheliny Verunschk é escritora.

Conceição Evaristo é poeta, escritora e mestre e doutora em Literatura.

Claudio Brites é psicólogo e psicoterapeuta. Editor nas editoras Líquido e Terracota.

Tarso de Melo é poeta e advogado.

Marielle, presente!